

Recitado por Cândida Augusta Ramos, de 75 anos de idade. Eiró (Vila e c. de Vinhais), 18 de Agosto de 1980 (34A+047).

- Apostado tenho, madre, minhas armas e meu punhal,
 2 d'ir dormir com Mouribana antes do galo cantare.
 — Tu p'ra que l'apostas, meu filho, se tu não podes ganhare?
 4 — Uma mãe de sete filhos algum conselho m'há-de dare.
 Pegou no seu officio, fez o filho andare:
 6 — Veste-te de seda, ó meu filho, ao jardim vai passeare;
 Mouribana, como é novinha, logo há-de vir a olhare.
 8 — Quem será aquela senhora qu'anda além a passeare?
 — Tecedeira sou, senhora, das teias d'engomare;
 10 minha teia deixei urdida, a sua venho buscare.
 — A minha teia, tecedeira, ainda está por dobare;
 12 repouse-se, ó tecedeira, qu'ái só a sei repousar.
 — Tenho medo aos seus criados, que me podem afrontar.
 14 — Os meus criados, tecedeira, os mandarei fechare;
 as chaves do meu 'posento a si s'há-dem entregar.
 16 Mandarei fazer a ceia, cearemos devagare;
 mandarei fazer a cama, dormiremos de par em pare.

572

572

- 18 Quando foi por meia-noite, Mouribana estava a gritare:
 — Acudi-me, ó meus criados, depressa, não devagare,
 20 qu'a tecedeira d'onte à noite em varão veio a dare.
 Fazei-me um café bem feito, qu'aqui o há-de tomar,
 22 p'ra qu'outra não o vá fazer, nem doutra se vá gabare.
 — Nem tenho medo aos teus criados, nunca.....*;
 24 s'eu perder o meu punhal, outro já estou a ganhar.

573